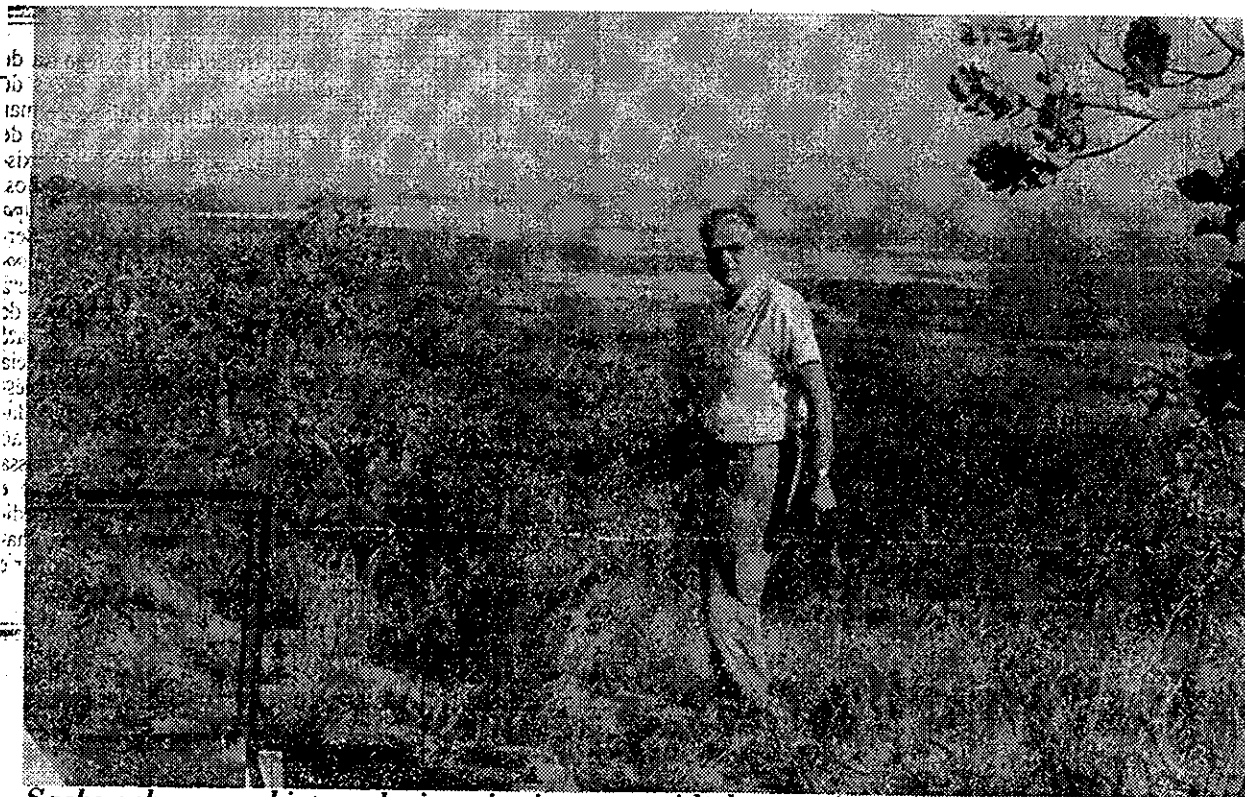


FONTE : JB

CLASS. : Amaz/Paria/Gmín
T.M.S

DATA : 17 08 89

PG. : 8 32



Sachs acha que a biotecnologia vai criar comunidades rurais auto-suficientes

Economista propõe para Brasil modelo que preserve ecologia

O Brasil perdeu o bonde da reforma agrária no início dos anos 50. Se apenas um dos 300 projetos de redistribuição da terra apresentados naquela época tivesse vingado, a situação social, ecológica e tecnológica do Brasil atual seria diferente. A opinião é do pesquisador francês Ignacy Sachs, diretor do Centro de Pesquisas sobre o Brasil Contemporâneo da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, de Paris.

"Hoje, quando se invoca frequentemente os exemplos do Japão, Coréia do Sul e Taiwan, é preciso lembrar que em todos esses países procedeu-se a uma reforma agrária importante, logo depois da Segunda Guerra Mundial. O dinamismo econômico que os caracteriza se deve muito a este fato", lembra Sachs, que apresentou um modelo alternativo de desenvolvimento na Reunião Internacional de Avaliação Tecnológica para o Terceiro Mundo, que se realizou no Rio.

Ignacy Sachs acha que ainda é possível mudar os rumos do desenvolvimento brasileiro no sentido de criar uma realidade mais humana e menos danosa ao meio ambiente. "Quarenta por cento da população brasileira ainda vive no campo ou em cidades com população inferior a 20 mil habitantes. Essa é a parte do Brasil onde ainda existe uma grande margem de liberdade em se definir um novo rumo para o futuro", diz o pesquisador. Para ele a degradação da vida nas grandes cidades, os problemas ecológicos e o estado de miséria em que vive a população brasileira são consequência de um modelo de desenvolvimento que não

permite a sobrevivência do homem no campo.

O Brasil de pequenas comunidades rurais auto-suficientes, imaginado por Sachs, parece um cenário de ficção científica, mas já é realidade em algumas partes do mundo. Nesse modelo, o trabalhador rural e sua família vivem em aglomerações de tamanho reduzido capazes de auto-suficiência em serviços sociais e infraestrutura cultural básica. Ao lado dos empregos propriamente agrícolas cria-se um número elevado de empregos em indústrias de transformação de biomassa agrícola, florestal e aquática.

Biotecnologias — Essas indústrias usam biotecnologias modernas para criar novos produtos, como plásticos feitos a partir de amido ou óleos vegetais, cosméticos e produtos farmacêuticos. "O domínio da biotecnologia é vital, já que ela permitirá aumentar a produtividade da biomassa e criar um leque de produtos industriais derivados da atividade agrícola" diz Sachs. Essa visão de uma bioindustrialização descentralizada implica também no uso da informática e das técnicas modernas de comunicação e gerenciamento, para que as empresas descentralizadas sejam capazes de se inserirem nos mercados nacionais e internacionais.

"É importante que esse modelo gere espaço para um grande número de pequenos produtores e que a fase de industrialização se faça, na medida do possível, a partir de empresas pequenas e médias e cooperativas" diz Sachs. Em sua opinião a criação de agro-indústrias

já começou em algumas regiões do Brasil, como é o caso da cooperativa de Cotia, a maior cooperativa agrícola do Brasil, organizada por imigrantes japoneses em São Paulo. Para se chegar, porém, ao modelo ideal de agricultura do século 21 é preciso atingir um sistema de ciclo fechado, calcado nos ecossistemas naturais, onde os resíduos de uma atividade alimentam outra, sem poluir o ambiente.

"O Proálcool deveria partir para uma segunda fase, que poderíamos chamar de Proálcool Século 21." sugere Ignacy Sachs. Isso implicaria em generalizar as práticas de algumas refinarias, que já usam racionalmente o bagaço e o vinhoto como matéria prima para atividades industriais e pecuárias. Criariam-se assim, ao redor das refinarias de álcool, sistemas de produção agro-industrial combinando atividades agrícolas, industriais e pecuárias em linhas de produção interdependentes.

O problema do acesso à terra pode ser resolvido através de alternativas para a reforma agrária clássica. "Há outras formas, como o comodato e o arrendamento, que já começam a ser praticadas no Brasil" lembra. Um bom contrato de arrendamento permite ao agricultor obter terra sem ter que investir em sua compra, podendo gastar seu capital na parte produtiva. É claro que isso não resolve o problema da grande massa de agricultores que não dispõem de nenhum capital. Para eles teria que ser elaborado algum tipo de programa de assentamento e colonização, conclui.